

## **Anistiado político: WASHINGTON RABELO**

**Data de nascimento: 16/08/1950**

Eu sou de Uruana, interior de Goiás. Tive a possibilidade, a felicidade de ter contato e de ter como referência, já na minha infância, pessoas que tinham interesse pela cultura, pela literatura e até pela filosofia. Eram pessoas sensíveis que pensavam e se preocupavam com a sociedade, com as desigualdades sociais. Eu tinha coleções de livros, o que naquela época não era tão comum em uma cidade pequena do interior. Um tio meu tinha um acervo de livros, e fiz disso uma das principais atividades; tinha como hábito ler. Já muito jovem, lia Cervantes, lia Shakespeare, e eu creio que isso acabou me fazendo pensar na cultura, pensar na sociedade, nas desigualdades sociais e na história. Pensar criticamente a sociedade.

Em 1965 eu era muito jovem, eu tinha 15 anos. Naquela época, com 13 14 anos, eu já trabalhava em um banco como assistente de contabilidade. É meio inacreditável, eu era muito jovem para exercer um cargo daquele. Mas efetivamente eu era um assistente de contabilidade do banco daquela região.

Com a mudança para Goiânia, meu pai optou por mudar para Goiânia, aqueles conhecimentos de literatura nos fez ter uma sensibilidade maior para entender o que estava acontecendo no Brasil. Era 1965 66, Goiânia era uma cidade muito diferente do que é hoje, era uma cidade mais provinciana. Eu não entendo o provincianismo como algo que exclui e contrapõe a cultura, ao contrário. Goiânia era uma cidade pequena em relação ao que é hoje, mas já tinha teatro, cinemas. Era em uma fase em que o cinema novo estava começando. Havia inquietação, era o período imediatamente após o golpe. Na época do golpe militar eu era estudante do ginásio, pequeno ginásio de Uruana. Mal entedia o que estava acontecendo no Brasil, mas já começava a ter uma postura, uma posição contra o arbítrio, contra a tirania em todas as suas formas. Quando viemos para Goiânia, após o golpe, já ouvíamos falar das primeiras prisões. E por razões óbvias, o ímpeto natural, a tendência natural, até por afinidade com a cultura humana com os valores da humanidade, a gente se indignava com as primeiras manifestações da ditadura que marcou a história do Brasil a partir de 64. Naquela época, eu me matriculei no Colégio Pedro Gomes de Campinas, que era um colégio caracterizado pela excelência do ensino - eu creio que ao contrário do que acontece hoje. Tinha professores muito atuantes, interessados pela excelência, pelo humanismo e pela história. Eu tive professores como Ernesto Gomes, que depois se tornou conhecido como cronista nos jornais de Goiânia. Eram pessoas realmente muito interessadas pela cultura e pelos valores humanos. Foi um período em que efetivamente começaram a haver as primeiras contradições fundamentais entre o que eu e o meu irmão pensávamos, e o estado de coisas que passavam a vigorar no Brasil. E já com sensibilidade social, com percepção das injustiças sociais, em um quadro em que a livre expressão dessas inquietações era impedida, começava a ser impedida de forma mais sistemática, mesmo sendo em um período anterior ao Ato Institucional número Cinco. Já naquela época havia uma restrição à livre expressão do pensamento.

Na biblioteca do Pedro Gomes tínhamos clássicos: tínhamos Zola, tínhamos Brust, Balzac, tinha a literatura marxista; a vigilância ainda não se fazia assim de forma mais eficiente. Então, continuei estudando a história do Brasil, percebendo que havia um estado de coisas que de nenhuma maneira era compatível com os valores humanos, e que guardava pouca ou

nenhuma identificação com os valores do povo brasileiro. Havia uma crescente presença de valores culturais alienígenas, em particular da pior música comercial americana. Porque uma coisa teria sido a presença positiva, vantajosa, benéfica do jazz americano, dos valores da cultura popular americana. Mas o que passou a chegar a partir de 64, 65, 66 era efetivamente o que havia de mais comercial da cultura americana. E é claro que instintivamente me voltava contra aquilo e buscava efetivamente uma identidade crescente e mais profunda com os valores populares do povo brasileiro e da humanidade; inclusive, os valores efetivamente mais valorosos da cultura americana. Buscava o jazz, mas o jazz não era divulgado aqui. O que era divulgado aqui era o que havia de pior da cultura, da mídia americana. E de forma sistemática. Nesse período de 65 a 67 senti muito a substituição até da música brasileira, da literatura brasileira por valores da pior cultura de mídia, da agressão cultural americana.

No plano da educação, esse período marcou também as primeiras grandes reformas que a nascente ditadura brasileira estava começando a impor. Eu me recordo, por exemplo, do acordo MEC-USAID, promovido pelo MEC naquela época, tirar da educação, tirar da formação escolar os clássicos e substituí-los pelo utilitarismo, pelas expressões mais vulgares, menos profundas, menos identificadas com os valores humanos. Era um período em que essa agressão passou a ser sentida de forma cada vez mais crescente.

Eu me recordo, por exemplo, que na minha infância a gente ouvia grandes compositores brasileiros como Cartola, Pixinguinha. E a música brasileira foi cada vez mais nos meios de comunicação como a televisão o rádio sendo suprimidos em favor desses valores importados e impostos no Brasil. A primeira reação em relação à ditadura foi essa. Foi uma reação cultural. A gente achava que as desigualdades culturais eram profundas. E uma influência que me marcou muito na juventude foi a do chamado socialismo tópico, do igualitarismo, das utopias do Thomaz Morus. Eu acreditava na possibilidade de justiça social, de igualdade.

Influenciado por Rousseau, achava inadmissível as desigualdades sociais; pouco compreensível o porquê de haver ricos e pobres em um país em que essa diferença é mais marcada, era muito marcada, acentuadíssima naquela época. Ainda é. Infelizmente o Brasil é um dos países em que essa desigualdade se faz mais sentir, ainda que tenha havido progressos significativos nesse sentido. Então, na realidade, a primeira reação que tive em relação à ditadura foi mais estética, não aceitava aquele negócio. E claro, a gente entendia também a importância da chamada democracia representativa, a democracia burguesa; apesar das suas limitações era a melhor forma possível em que os debates, a livre expressão do pensamento, em particular a cultura que no meu entender desde o início era preponderante, não a cultura formal, mas o teatro, a música constituem uma maneira poderosa de fazer o ser humano, as pessoas conscientes de si mesmas. E naquela época havia uma transgressão sistemática contra a cultura.

O Pedro Gomes, que foi o colégio em que me matriculei, começava a se indignar contra essas transgressões aos valores culturais brasileiros e aos valores humanistas em geral. Havia uma indignação contra isso. Consequentemente era um colégio marcado por uma resistência. Eu era mais jovem do que os que tinham uma postura de direção, de liderança no Pedro Gomes, eram estudantes de mais de 18, 19 anos. Esses estudantes marcaram muito a minha forma de pensar. Eles tinham uma postura combativa, foram os primeiros combatentes contra a ditadura, contra a esse estado de coisas; foram os primeiros que queriam liberdade, a livre manifestação da cultura, que queriam a conscientização, um

espaço em que as pessoas pudessem tomar consciência de si mesmas. No Pedro Gomes havia uma indignação. Fui muito influenciado por isso e participei ativamente dessa luta. Foi quando começou uma lenta aproximação com o pensamento da esquerda em geral e em particular com o Partido Comunista, que nessa época já tinha uma presença maior em colégios como o Pedro Gomes, o Lyceu de Goiânia e nas universidades, principalmente na Universidade Federal. Foi quando comecei a perceber o que a ditadura significava, a ter uma concepção, uma visão do que a ditadura era. O programa, os fundamentos em que se assentava a ditadura começaram a ficar mais claros para mim a partir de 1966 e 1967. Em 68, toda essa tendência, esse potencial de agressão, de limitação das liberdades individuais, contra a democracia, contra a liberdade de expressão, foi com o AI5 efetivamente como se a noite, as trevas de fato se consolidassem no Brasil. Aí sim que toda a capacidade de agir de forma humanista, esclarecida começou efetivamente a sentir com muito mais rigor a presença, a ação dominadora, tirânica do estado ditatorial.

Nessa época eu já escrevia. Aos 18 anos eu já tinha escrito artigos que foram publicados em alguns jornais e que não existem mais em Goiânia. Eram jornais independentes. Eu me lembro de alguns artigos que escrevi que eram publicados em jornais que tinha certa circulação em Goiânia. Esses jornais que eram independentes ficaram inviabilizados pela própria censura. Então, não havia possibilidade de um jovem de 16, 17 anos escrever nos jornais diários ou ter os seus textos publicados.

No teatro, nós tentamos. Eu já tinha me aproximado dos grupos teatrais na época. Criamos 2 ou 3 grupos teatrais com o objetivo de criar espaços de cultura e que promovesse a consciência política, a consciência social. No Pedro Gomes nós tivemos dois grupos de teatro juntamente com o professor de Artes Cênicas de Goiânia, que é bastante conhecido, o José Ageu. É interessante que ele me ensinava teatro, e eu tentava ensinar a ele as posições políticas de esquerda, mas ele não se deixou convencer. O conhecimento dele de teatro permitiu que fizéssemos um trabalho consistente, juntos, um trabalho breve de uns dois, três anos porque, em seguida, já começou a o período de repressão direta que nos atingiu. Eu me lembro de que nós corríamos o estado de Goiás, as pequenas cidades e apresentávamos peças que nós próprios escrevíamos. Isso foi interessante por que nos ajudou a tornar mais consistente a nossa visão da sociedade, das condições de vida daquela época, das condições da cultura, da necessidade de usar um espaço poderoso como o teatro como uma forma de divulgação dos valores humanistas, da literatura de usar o teatro efetivamente como um instrumento de levar a literatura, os valores literários maiores para as pessoas.

Em 1971 eu passei a trabalhar como professor, os jornais para os quais eu escrevia deixaram de existir. Havia dificuldades econômicas, a própria censura. Eram jornais mal vistos; já nos seus nascimentos esses jornais eram discriminados. A gente não tinha, por exemplo, nenhum tipo de apoio econômico. Eles dependiam da venda direta nas bancas, então não tinham nenhuma possibilidade de sobrevivência em uma situação em que prevalecia a censura, a tentativa de todas as formas de supressão nascente de cultura. E os jornais deixaram de existir. O teatro também não tinha espaço. Eu me recordo que o próprio Pedro Gomes a partir de 67, 68 passou por um processo de militarização. O diretor já era indicado por gente ligada às Forças Armadas, à parte repressiva. Não das Forças Armadas como um todo, mas gente do governo ligada ao serviço de informação que passou a monitorar de forma direta o Colégio Pedro Gomes, que era um colégio que tinha uma massa de estudante muito grande e uma efervescência política. E houve incidentes lá várias vezes com a polícia que entrou dentro do colégio. Houve tiroteio, um estudante morreu; era um colégio de grande

efervescência. Eu tinha o Pedro Gomes como a minha base de sustentação da atividade teatral. E foi a partir dessa época que não tive mais espaço para o teatro, para escrever. Os espaços passaram a ficar cada vez mais reduzidos. Quando aconteceu de ter de fato amadurecido um pouco para ter a possibilidade de assumir uma atuação mais combativa, mais consciente e com mais capacidade de ação política, como objetivo da reconquista de valores humanistas, democráticos contra a ditadura já era 69. Já em um período posterior ao AI5. Foi quando eu entrei para universidade, em 70. Eu entrei para o curso de Matemática e Física da Universidade Federal. Foi talvez um período de maior dificuldade pessoal porque eu tinha de conciliar a universidade com a minha sobrevivência familiar, eu já tinha um filho. E eu tinha que conciliar tudo isso e fazer um curso exigente que era o curso de Matemática e Física. Tive excelentes professores na área de Matemática, mas a exigência, o rigor do curso e a necessidade de trabalhar acabaram criando uma relação complicada no plano pessoal. E adicionalmente eu tomei aos 21 anos a decisão de militar politicamente. Eu nunca entendi que tivesse uma aptidão especial para a atividade política. A minha trajetória tinha sido voltada para a cultura, para a literatura, para o teatro. Mas aconteceu com as restrições impostas pelo estado à época, pela incapacidade de aceitar as condições impostas; pela incapacidade até ética de cruzar os braços e acompanhar e assistir passivamente a uma situação de transgressão dos direitos individuais. Prisões arbitrárias já eram notórias, já eram do conhecimento público. As pessoas já comentavam as torturas que passavam a haver de forma sistemática nos cárceres políticos da ditadura desde 64. Já conhecíamos casos indescritíveis de torturas a presos políticos. Pessoas ligadas ao antigo governo do então governador Mario Borges foram presas e torturadas de forma desumana, de forma bárbara. E isso causava em mim uma profunda indignação. Já em 70, acabei me aproximando, através da leitura dos clássicos ingleses do socialismo utópico, do socialismo real da época. Chamávamos de socialismo real a União Soviética, Cuba que tinha promovido para a nossa geração uma experiência modelar porque reagiu contra toda essa agressão que se chamava na época de agressão imperialista, econômica, agressão cultural e até a agressão militar que promoveram em Cuba na Bahia dos Portos, em 1961 protagonizada pela CIA. Cuba consistia para a gente, representava para minha geração, isso é indubitável, tem que falar isso com toda clareza porque se há muitos aspectos que efetivamente a gente pode apontar como questionáveis na situação de Cuba hoje - eu me refiro à maneira como se perpetuou um sistema de partido único, isso é questionável; os aspectos relacionados com os exercícios demorados do poder por parte dos mesmos líderes da época, isso também é questionável - Cuba para nós era um exemplo. Foi um exemplo, a luta do povo cubano. Fizeram uma revolução em 58 e dez anos depois Cuba era efetivamente um símbolo da resistência contra a agressão militar, econômica e cultural americana e promovia uma igualdade social que nos encantava, nós que tínhamos sonhos utópicos do socialismo, da igualdade e até do comunismo; da igualdade plena entre as pessoas. A confraternização entre essas pessoas, da vida associativa, e não da vida marcada pela competição, que é a marca do capitalismo, a competição a concorrência, a juventude rejeitava essa visão. A visão de que só pode haver, ou tinha que haver, competição entre as pessoas, algum tipo de progresso material. Nós, jovens militantes, questionávamos isso, não aceitávamos isso em hipótese alguma. E Cuba e os países socialistas, em particular Cuba, pela proximidade cultural, era modelar porque as desigualdades sociais foram suprimidas. O estado geria a educação e a saúde em nome de toda sociedade. E com isso Cuba assumiu para nós, para mim, uma dimensão heroica. A resistência do povo cubano contra o embargo, o bloqueio econômico já era realidade naquela época, isso tudo fazia com que Cuba se constituísse em um exemplo sem paralelo para a nossa geração.

Nós nos sentíamos atraídos pela supressão da propriedade privada. Influenciado desde Rousseau, nós achávamos que se um país tinha conseguido suprimir a propriedade privada - isso para nós era uma coisa fantástica, nós queríamos efetivamente apoiar essa experiência, todas as experiências que se voltasse contra esse primado da concorrência da competição entre as pessoas - isso era possível. E com isso nós acabamos nos aproximando do socialismo. Eu me identifiquei com o Partido Comunista.

Aos 19, 20 anos eu me aproximei de estudantes mais velhos que tinham vínculos com o Partido Comunista. E em particular com um senhor já de idade madura, que é o senhor Bazileu Leal, que foi um marco para mim, um exemplo de sujeito de enorme dignidade. Ele foi um autodidata, ele deixou um livro publicado, um livro de memórias sobre Luziânia. É um sujeito de grande coerência pessoal e uma pessoa impar no que diz respeito à maneira como ele via a sociedade humana e como ele via a realidade social do Brasil. Ele era um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil. Através dele não tinha como não me aproximar do Partido Comunista. O Partido naquela época já tinha influência nas universidades e nos colégios em Goiânia.

Em 1971 eu já era militante do Partido, foi a única organização de esquerda a qual eu estive ligado. A gente sabia que de 68 até 73, parte da esquerda, motivada pelos mesmos ideais de igualdade social e pelos mesmos objetivos que tinha de supressão da propriedade privada, de criação do estado socialista com a orientação no sentido de criar uma sociedade humana sem desigualdade, parte desses jovens que eram atraídos pelos mesmos objetivos acabaram optando na época pela luta armada. Eu devo dizer que não foi por falta de coragem pessoal que não optei pela luta armada, mas porque entendia que não havia possibilidade alguma de lutar contra a ditadura onde a ditadura era de fato mais forte, no campo militar. Achava que não havia possibilidade de sublevação imediata, que se tratava de conscientização política, de mudar a mente das pessoas no sentido de consolidar a tendência que as pessoas já tinham de se voltar contra a ditadura. Achava que era a luta política que tinha possibilidade de êxito, e não a luta armada. Sabia que os que tinham se ligado à luta armada contra a ditadura já estavam sofrendo grandes reveses. Sabia das prisões. Houve naquela época, entre 69 e 70, os primeiros sequestros, os primeiros banidos que saíram do Brasil. Sabia de tudo isso e achava que a luta tinha que ser preferencialmente no plano cultural, da consciência política, no plano político e não no plano militar.

Minha opinião como militante daquela época é de que a luta armada, mesmo conduzida por pessoas heroicas, por pessoas de grande abnegação que dedicaram a própria vida, que sacrificaram a própria vida pelo bem do ser humano, pelo fim das desigualdades, pelo fim das injustiças sociais, pelo fim da tirania da ditadura militar - muitos desses jovens sacrificaram a vida - minha opinião é que apesar da melhor intenção patriótica, do heroísmo humanista desses jovens, a luta armada acabou fortalecendo a ditadura naquele período. 1968 foi um grande revés. O AI5 foi de grande impacto na consolidação da ditadura militar e do que houve de pior na ditadura. E essa possibilidade foi objetivamente propiciada pela luta armada. Eu tinha uma posição contra a luta armada, achava que a luta armada estava se fortalecendo rapidamente, estava inclusive criando um movimento de opinião favorável à ditadura. Se a opinião pública tinha alguma dúvida, quando do sequestro dos embaixadores boa parte ficou com a ditadura. Nitidamente não era o tipo de luta que o povo brasileiro fosse apoiar. Por essas razões todas, apesar da juventude de ser muito jovem, optei pela luta política, pela luta que o Partido Comunista Brasileiro a partir do 6º Congresso passou a adotar, a luta política. A tentativa de isolar a ditadura através da

consciência, da conscientização popular, da mobilização, das alianças com setores não comprometidos da burguesia, que eram chamados de setores liberais que criaram um grande leque de alianças contra a ditadura, através da única via que era possível adotar que era a via política eleitoral; aquele restrito campo que a ditadura tinha de ação democrática, que a ditadura tinha deixado, que era o campo da ação política eleitoral, tinha que ser explorado. Eu me recordo, por exemplo, era inacreditável, mas os políticos, até os políticos históricos que ficaram na história como criadores do MDB, no meu entender não foi bem assim... Um companheiro morreu por que na época a grande tarefa que ele se dedicava a fazer era colher assinaturas pela formação do MDB. A gente saía convencendo as pessoas a se filiarem ao MDB. Essa era uma maneira de falar da ditadura. O MDB era um partido criado pela ditadura, mas era o único espaço que a oposição democrática tinha de atuação contra a ditadura. Por essas razões todas e claro pela identificação, a admiração clara que tinha pelo heroísmo da revolução cubana e pelo estado soviético - falar sobre isso hoje é quase uma heresia, mas a gente achava, tinha restrições porque conhecia um pouco de história - que o período do Stalin na União Soviética tinha sido um período marcado pela transgressão aos valores das liberdades individuais, da liberdade. Achava que a coletivização da União Soviética tinha sido uma violência contra o povo soviético contra o povo russo.

Jamais apoiei os chamados julgamentos de membros do Partido Comunista da União Soviética que foram fuzilados. Achava que as liberdades individuais tinham sido suprimidas em favor de um poder tirânico individual na antiga União Soviética. No 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética denunciou esses crimes. Os crimes contra a liberdade do povo soviético. E houve já no 20º Congresso um princípio de restabelecimento, ou um grande movimento no sentido de restabelecer a democracia; o que nós chamávamos na época de democracia socialista. Permitir no estado Soviético a livre manifestação de pensamento, o pluralismo de opiniões, a liberdade das pessoas exporem francamente o que pensavam. Julgava que a partir do 7º Congresso tinha começado esse movimento de restituição das liberdades políticas da União Soviética, e de fato houve. Isso permitiu dar um apoio, ainda que um apoio um pouco crítico, à União Soviética daquela época. Nunca adotei a concepção de que para haver socialismo tinha que haver uma supressão sistemática das liberdades individuais.

No 20º Congresso houve uma grande virada, creio que em 1954; foi quando houve uma denúncia contra os crimes praticados por Stalin, e isso ajudou a justificar o apoio à União Soviética, apesar dos processos movidos contra os escritores. A gente achava que era um absurdo, era indesculpável que escritores da União Soviética, pelo fato de não apoiarem de forma irrestrita o Estado Soviético, fossem criminalizados. Havia muitas restrições em relação a isso. De qualquer forma, como havia tido essas denúncias contra os crimes do Stálin, a gente queria ficar com o melhor, ou com o que havia de bom na União Soviética que eram as condições de vida do povo, a promoção da cultura, a garantia de saúde para todo povo - um estado social em que as pessoas não se sentiam privilegiadas ou excluídas. Minha opinião continua sendo ainda amplamente favorável à realidade dos estados socialistas daquela época, especialmente o Estado Soviético. Fizem com que me aproximasse do Partido.

A luta armada tinha se exaurido. Havia um isolamento muito grande dos movimentos armados, e a minha convicção era de que se tratava de isolar a ditadura. Eu tinha sido ganhado por essa visão do Partido Comunista na Resolução do 6º Congresso. Foi uma resolução histórica de 66. O Partido propugnava precisamente essa concepção de isolar a

ditadura através de um modo amplo, um leque de alianças das forças democráticas, das forças que se opunham à tirania política. E na militância havia essa grande contradição: por um lado eu trabalhava, e trabalha muito, eram 40 horas semanais em sala de aula, lecionando; a universidade, onde eu era aluno de Matemática da Universidade Federal, e simultaneamente a luta clandestina. Então, eu saía de uma reunião clandestina e ia para a sala de aula. Havia um contraste muito grande na vida pessoal. Contudo, essa experiência foi extremamente rica. Durante um ano e meio, dois anos que eu estive atuando no Partido Comunista aqui em Goiânia, desenvolvi um esforço imenso, desproporcional as minhas forças pessoais na época. Era jovem, inexperiente, mas lutei muito naquele período. Organizei uma ação consciente junto aos sindicatos, aos diretórios estudantis, à universidade e a área secundarista. Buscava divulgar, esclarecer, me aprimorar como pessoa e ao mesmo tempo levar as pessoas a terem uma consciência crescente contra aquele estado de tirania e de obscurantismo que predominava no Brasil.

Em 1971, eu tinha um ano e meio de militância política, isso ainda me impressiona, eu fui alçado à condição de secretário Político do Comitê Metropolitano do Partido em Goiânia. Isso evidencia, é uma confirmação de que na época os militantes eram muito jovens e na sua maioria inexperiente. Contudo, tinha essa visão libertária, visão de dedicação à causa das liberdades democráticas, da conquista, da construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária. Quando estava nessa luta saindo de reuniões clandestinas em bairros remotos de Goiânia, buscava criar essa consciência junto às entidades de trabalhadores. Tinham na época alguns membros combativos da construção civil, eram profissionais que, eles sim, tinham uma grande experiência de lutas. Eu me recordo com muita admiração de um companheiro que se chama Santos; o nome dele é Lázaro, ele ainda vive, era uma pessoa admirável, um trabalhador da construção civil, um homem simples que não tinha frequentado cursos universitários. Creio que ele não passou do curso primário da época, mas era um autodidata, era um homem que tinha uma sensibilidade social, uma capacidade de liderança exemplar. Ele fazia parte do Comitê Metropolitano. Muitas vezes à noite nós estávamos reunidos na casa dele, havia uma tensão crescente, eu percebia, alguma coisa fazia crer que estávamos em uma contínua situação de perigo. Eu me lembro de uma reunião em particular que tive o pressentimento de uma prisão iminente, havia indícios de que o cerco estava se fechando.

Em 1972 nós tínhamos talvez uma centena de militantes em toda grande Goiânia, era um número inexpressivo, é claro, em relação à população. Estou convencido que a intenção de criar o partido, essa concepção antiditatorial, socialista no meio dos trabalhadores era mais uma intenção, um sonho do que propriamente uma realidade. Nós não estávamos isolados como a esquerda armada, a esquerda radical, por quem eu sempre nutri grande respeito porque eram pessoas realmente muito dedicadas à causa. No entanto, eles sim estavam muito isolados. Nós não estávamos tão isolados quanto eles porque nós tínhamos um programa de aproximação com as forças que se posicionavam contra a ditadura. Mas de qualquer forma estávamos muito distantes da construção de um partido de massas. Nós éramos um partido restrito, com poucos militantes, muito dedicados, com pouquíssimos militantes dedicados de maneira profissional à ação do partido. Nós tínhamos uma exiguidade de custos muito grande, chegava a ser uma pilhéria. Nós até ríamos das insinuações de órgãos como o Estado de São Paulo de que a esquerda brasileira, ou seja, nós éramos mantidos pelo ouro de Moscou. E nós nunca vimos esse ouro.

A exiguidade de recursos era imensa, e para mantermos um ou dois militantes profissionalmente, dedicados integralmente às ações do partido, era uma dificuldade muito grande. Nós fazíamos o trabalho, nós próprios, militantes, era quem efetivamente financiava as ações do partido. Ou seja, pagar os companheiros que tinham se profissionalizado, que eram pouquíssimos como eu já disse; financiar a própria circulação do jornal do Partido que se chamava “Voz Operária”. Então, esses recursos eram exíguos e a par disso a nossa grande inexperiência. Eu já me referi ao fato de que aos 21 anos, com pouquíssima experiência, eu era um militante de um ano, um ano e meio só de atuação, e já era secretário político.

Em meados de 1972, houve algumas quedas, algumas prisões isoladas. Nós do Comitê Metropolitano de Goiânia sabíamos que de alguma maneira o cerco estava se fechando. Havia uma repressão já diretamente voltada para membros ou ex-membros do Partido ou simpatizantes. As prisões estavam se multiplicando e em meados de 72 esses temores se confirmaram. O Comitê Metropolitano de Goiânia foi preso integralmente. Fomos presos no espaço de poucos dias.

Eu fui preso em Goiânia próximo à casa que eu residia e que eu resido até hoje. Fui levado para o 10ºBC, antigo Batalhão de Caçadores, que hoje é a unidade militar do Exército Brasileiro aqui em Goiânia. De início eu fui submetido aos rigores que eles adotavam nos interrogatórios daquela época marcados pela extrema violência. E quando cheguei no 10º BC, fui colocado em uma prisão solitária onde permaneci por muitos dias de forma completamente incomunicável. Nos interrogatórios eu já percebia que vários companheiros já tinham sido presos. Essa experiência da prisão acabou sendo um marco fundamental da nossa vida naquela época porque nós não tínhamos conseguido grandes êxitos na nossa atuação política. Nosso objetivo era: o isolamento da ditadura militar; conscientizar as pessoas através dos meios disponíveis; mobilizar a opinião pública contra a ditadura militar; e para coroar esse pouco êxito, veio a queda integral do Comitê Metropolitano de Goiânia. Esse foi um dos maiores processos de repressão política no Brasil naquela época. Goiás que é um estado de relevância econômica, política tradicionalmente tida como menor no contexto dos estados brasileiros... É digno de nota dizer que o Partido Comunista Brasileiro, que é uma das entidades importantes da esquerda, da história da esquerda brasileira, era sem dúvida nenhuma o mais importante partido ou organização de esquerda da história política do Brasil. Naquela época ele estava estruturado principalmente no estado de Goiás. Aqui era onde ele tinha a organização mais consolidada. A prova disso é que foi um processo que envolveu centenas de pessoas entre militantes, dirigentes e simpatizantes. Dezenas de prisões ocorreram naquele período nessa repressão orientada contra o Partido Comunista Brasileiro em Goiás.

O que eu posso dizer com relação a minha experiência pessoal nesses dias que fomos presos em Goiânia é que esse período foi marcado pelo lado, pela evidência do extremo aprimoramento. Uma coisa tão sórdida como é a repressão, a repressão política, a repressão tirânica, e, no entanto, em 72 eles tinham atingido um nível de sofisticação, de aprimoramento na condução da repressão política no Brasil. Sabe-se que os órgãos de repressão no Brasil, naquela época exportavam esse tipo de conhecimento, de técnica. Eu me recordo que no golpe militar de 1973 no Chile, havia no Estádio Nacional do Chile a presença de vários assessores brasileiros na condução das torturas, dos interrogatórios.

Quando fui preso aqui em Goiânia, tive uma prova do aprimoramento técnico dessa prática desumana que foi a repressão política no Brasil. Fiquei preso durante todo o 2º semestre de



1972, foi um período marcado por duríssimas experiências pessoais. A tortura era amplamente utilizada. O 10º BC na época era uma central importante na estratégia da repressão movida contra as forças de esquerda em toda essa região centro-norte do Brasil. Eu me lembro de que assim que cheguei, apesar do capuz que me foi colocado desde o início e que depois comprovei que era um tratamento similar que todos tinham tido, com a brutalidade da prisão, com o terror que utilizavam, o que eu percebia é que o 10º BC era o centro de repressão, o centro de inteligência, o centro de apoio à repressão a aqueles que lutavam contra a ditadura militar aqui nessa região. Já tinha histórico de presos que passaram por lá desde 64, 65 e que tinham sido duramente torturados. Já tinha esse triste elo com o passado de repressão localizada utilizando as dependências do Exército em Goiânia. Os primeiros dias são indubitavelmente os mais terríveis. É quando se abate sobre a pessoa, o militante preso, toda fúria dos interrogadores. A experiência pessoal que eu tenho é que aos 21 anos eu não estava preparado. E hoje eu creio poder afirmar que nenhum ser humano está preparado para ser submetido a esse tipo de tratamento. É contra a natureza humana, conseqüentemente nenhum ser humano consegue estar acima de um massacre pessoal como o que foi movido contra os que lutavam contra a ditadura militar naquele momento.

Eu acredito que em particular eles tinham contra o Partido Comunista um rancor especial, porque o Partido Comunista era o grande articulador da luta contra a ditadura naquele momento. Eles sabiam que nós éramos de fato a força mais consistente, embora pouco numerosa e com pouca estrutura organizacional, mas que nós constituíamos um elemento vital para oposição contra a ditadura militar naquele momento. Eu me recordo, por exemplo, que nos corredores do quartel, quando passava por ali encapuzado, era comum ouvir dizer: esses daí vão morrer, vão morrer. Havia uma pressão psicológica contínua. Mas eu acho que havia, como os fatos depois evidenciaram, havia de fato a intenção de eliminar fisicamente, os combatentes do Partido Comunista que tinham caído naquele momento.

Os interrogatórios foram marcados por essa violência toda. Eu pude constatar a resistência isolada de alguns companheiros da época por quem eu passei a nutrir uma admiração maior ainda. Foram heróis que tentaram a todo custo manter o sigilo das atividades, dos membros do partido que tinha sob sua responsabilidade. Apesar de toda essa luta individual desses companheiros, infelizmente não sobrou nada de nossa atividade política. Em agosto de 72 aconteceu algo que me marcou muito naquela época, em 9 ou 10 de agosto talvez, fui levado para Brasília e durante o trajeto eu tive a possibilidade de conversar pela primeira vez com os companheiros presos. Até então, cada um de nós era mantido sob a condição da mais rigorosa incomunicabilidade. Foi quando eu soube da morte do companheiro Israel, que tinha o nome de guerra de Olavo. Isso também evidencia quão jovens éramos. Para minha surpresa, o Ismael era mais novo do que eu. Eu caí preso aos 20 anos e ele caiu aos 19 anos. E o que mais impressionou foi que o Ismael, apesar de ter só 19 anos, era o responsável pelas finanças do Comitê Metropolitano de Goiânia e era responsável direto pela ligação com o Comitê Estadual e com o Comitê Central do Partido. Ele era uma figura chave e sobre ele se abateu com toda fúria a repressão daquelas pessoas encarregadas de conduzir o processo. Ele não resistiu, ele morreu em 9 de agosto, morreu a poucos metros da minha cela, e só fui saber quando estava sendo levado para Brasília. Soube depois que quando ele morreu teve uma manifestação de repúdio da população. Eu entendo que foi uma antecipação do que aconteceu depois em São Paulo com muito mais notoriedade.

Em 1975 Herzog morreu e isso levou a ditadura a uma situação delicada, porque houve um grande movimento de opinião pública contrária. Pois bem, em agosto de 72, três anos antes,

a morte do Ismael, o mais jovem dos companheiros que tinham caído, fez com que a população de Goiânia se manifestasse absolutamente contrária àquilo, repudiasse aquilo. O chefe do quartel naquela época, eu não me recordo o nome, era um coronel, ele foi à televisão explicar o que tinha acontecido. Em plena ditadura daquela época do Médici, um coronel de Exército responsável por uma unidade militar vai à televisão tentar justificar o injustificável, que era a morte de um jovem de 19 anos. Isso foi em decorrência da reação da opinião pública ao que aconteceu. No meu entender foi uma antecipação do que aconteceu depois em São Paulo com Herzog. E é curioso constatar que o Ismael morreu em uma situação análoga, e isso me marcou profundamente porque foi para mim uma grande derrota pessoal.

É evidente que você tem as marcas pessoais do que você passa, do sofrimento pessoal que você passa, em especial o sofrimento moral a que você é submetido, essa espécie de assassinato moral a que um combatente passa quando preso pela tirania. Ele passa por uma espécie de assassinato moral porque tenta se extrair dele, através dos métodos mais desumanos, aquilo que ele tem de dignidade, de respeito, de coerência com a luta que ele travou. Tenta-se extrair dele a parte mais humana, isso é o suprassumo da crueldade, a pior forma de assassinato.

Nós temos na história, por exemplo, Jordano Bruno que foi um grande filósofo morto no século XV, no auge da inquisição italiana, depois de torturas indescritíveis; e tantos outros que morreram em condições semelhantes ou que passaram por sofrimentos análogos aos que passamos desde a inquisição e muito antes da inquisição até. Desse período a gente tem essas muitas marcas pessoais, marcas do sofrimento físico e do sofrimento moral. Mas nada se igualou naquele momento à perda do companheiro Ismael. Até porque ele era mais jovem, eu tinha por ele o apreço, o companheirismo, o dia-a-dia das reuniões clandestinas; o cuidado que um tinha que ter com o outro, com a segurança do outro; o cuidado que prevalecia na relação fraterna entre os companheiros, a gente tinha por ele uma dedicação ainda maior pelo fato de ele ser mais jovem e ter sobre si uma responsabilidade desproporcional e que evidencia a fragilidade de uma organização importante como foi o Partido Comunista na época. Era um partido, aqui em Goiás, e eu suponho que em outras regiões do Brasil, que a sua organização, a sua segurança interna estavam entregues as pessoas dedicadas, mas de muita inexperiência, pessoas da mais tênue idade. Para mim o Ismael é um herói, é um mártir. Ele lutou até o final para manter a lealdade dele à causa, e para nós em Goiás é uma das figuras modelares de jovens que deram a vida pela causa.

Hoje quando ouço dizer de pessoas, de órgãos da mídia que criticam a reparação econômica que a Constituição de 1988 garantiu a quem foi reprimido pela ditadura; e quando ouço dizer que fomos beneficiados por essa reparação que nos tenha conferido algum tipo de privilégio ou de vantagem pessoal, eu me recordo dessa época. Nós não tínhamos nada a ganhar. Aquela luta, a luta do Ismael, por exemplo, era uma luta que não tinha como objetivo atingir nada para si; nós não tínhamos pretensão a cargos públicos, a única possibilidade que nós tínhamos era de morrer nos cárceres da ditadura, e que no caso dele infelizmente se concretizou. Aconteceu que em agosto de 72, subitamente sem que soubéssemos a causa, começaram a nos tratar melhor, isso coincide com o período que o Ismael morreu. Com a morte do Ismael, o tratamento que conferiam a nós melhorou. Estávamos sendo submetidos a um processo de eliminação sumária, com a morte e o enterro dele tendo se convertido em um marco de resistência, de oposição e de indignação popular eles melhoraram as condições em que éramos tratados.

Fui levado para Brasília, levado para o PIC. O PIC era na época uma central do terror do Exército. Antes disso fiquei em outro quartel. Eu quero falar algo que sempre achei e que ao longo da minha vida sempre pedem para eu falar sobre essa fase da minha história. Nós éramos presos em brigadas militares, em regimentos do Exército brasileiro. Consequentemente tínhamos contatos com oficiais do Exército. Eu me lembro de uma noite em que os quadros da repressão foram me buscar na cela para submeter-me ao interrogatório. Eu estava na cela e chegou um oficial, suponho que era um tenente, e ele constrangidamente me entregou um capuz e falou: “Infelizmente vou ter que lhe entregar para esses caras porque a ordem que tenho é essa, mas quero que você saiba que eu não estou comprometido com isso, nós não nos envolvemos nisso. Nós somos oficiais de carreira, com muito orgulho, oficiais do Exército brasileiro, e não participamos disso aí não. Esses caras que vieram buscar você são de órgãos da polícia política, e eu não tenho nada a ver com isso. Infelizmente eu tenho que entregar você para eles.” E ele estava sendo sincero, a maior parte dos oficiais que tinha algum vínculo conosco, guardados ali, custodiados pelo Exército, nos tratavam bem, nos tratavam com respeito. O que me levou a crer sempre, eu que nunca pesquisei essa matéria, não sou historiador, que o Exército brasileiro, como instituição, não esteve ligado com as ações sórdidas que a tirania ditatorial promoveu no Brasil naquela época. Alguns quadros separados do Exército, dedicados exclusivamente a essa atividade é que conspurcaram a farda que usavam e transgrediram as suas funções e se conduziram da maneira odiosa que a história registrou. Então, o Exército como tal nunca se ligou a essa prática. E posso dizer isso com certa autoridade porque eu estive preso só em unidades do Exército e nunca me senti subjugado ou submetido à violência promovida, praticada por oficiais do Exército. Eventualmente um ou outro oficial exerceu essa atividade, mas não como oficial do Exército e sim como um quadro destacado para as atividades da polícia política. Eles eram desligados, estavam à margem do conjunto do Exército. Eu fui bem tratado dentro dessas unidades em que estive. A exceção era o PIC, porque o PIC era o chamado Pelotão de Infantaria da 3ª Brigada de Brasília e já era uma unidade que ao meu entender agia de forma isolada, de forma separada do Exército; era dedicada à repressão, eram os profissionais da repressão.

No PIC passei vários meses de incomunicabilidade, de muita violência. Durante todo esse período, e é difícil dizer por que foi para mim não digo um trauma, mas um grande pesar com a inexperiência, com a juventude eu quisera ter uma atitude ainda mais inflexível diante dos que cumpriam as ordens da tirania da ditadura naquela época. A figura do herói que se contrapõe a todas as formas de tortura e que mantém o segredo, o sigilo e o silêncio absoluto, infelizmente acho que poucos, eu pelo menos não posso dizer que eu tenha tido todas as razões para acreditar que eu não poderia ter agido melhor. Eu acho que naquelas condições difíceis não estava preparado, não estava à altura desse embate direto e desigual com a repressão. Tempos antes tinha sido elaborado no partido um documento cujo título era “Se caíres preso como se conduzir.” O preso político naquelas circunstâncias combatia dentro dele próprio de forma corajosa para manter um mínimo de dignidade, mas era muito pouco diante da sofisticação técnica que tinha sido alcançada por pessoas que cumpriam com esse triste papel.

Fui posto em liberdade e em seguida fui julgado pela Marinha e condenado a seis meses de prisão. Parece-me, não me lembro, já tinha cumprido. Mas alguns meses depois o Superior Tribunal Militar me condenou a penas maiores. Nesse período quando saí da prisão, eu e outros companheiros que dávamos aulas em cursinhos pré-universitários em Goiânia, nas escolas secundárias da época, não podíamos mais exercer a profissão. O comandante

militar do Planalto telefonava pessoalmente para as escolas de Goiânia e de Brasília dizendo: “Olha, esses professores não podem mais exercer, eles não podem mais trabalhar em nenhuma circunstância porque senão a sua escola vai ser fechada.” Então, as escolas fechavam as portas para nós e eu não tive possibilidade de continuar como professor. Mudei de cidade, mudei para Anápolis, fui trabalhar no comércio durante um ano. Nesse período o Superior Tribunal Militar me condenou a penas maiores, e eu fui dos poucos “agraciados” com o Decreto Lei 447, por esse decreto eu estava excluído, expulso da universidade. Então, minha experiência pessoal desse período é essa. Eu saí da prisão com a condição física de saúde muito debilitada, sobretudo com essa grande dor na alma por ter perdido um companheiro da estatura e da grandeza do Ismael, com todos os traumas que a prisão implicou, e eu não tinha condição de continuar trabalhando; então, foi uma época realmente complicada. E adicionalmente eu não podia estudar porque estava incluso no Decreto 477, que era um dos decretos fundamentais do Ato Institucional nº 5. Por esse Decreto eu estava fora da universidade também. E ainda havia a perspectiva imediata de voltar à prisão. Eu optei por sair, por ir embora do Brasil. Foi uma decisão muito difícil e acredito sinceramente nos que afirmaram naquela época que o exílio é pior do que a prisão. Acho que em certo sentido é.

O exílio foi uma fase duríssima da minha história pessoal. Nesse período de exílio felizmente fui muito bem recebido. Os países da Europa tinham se posicionado de forma muito generosa em relação aos exilados latino-americanos. Desde o golpe militar no Chile, os latino-americanos, perseguidos políticos, eram muito bem recebidos por alguns países europeus, em particular pela França, Alemanha e Suécia. Eu fui recebido como exilado político na Suécia. Lá eu permaneci, eu e minha família, minha mulher mais três filhos. Meu filho caçula nasceu na Suécia, e tivemos um amparo muito grande, a verdade é essa.

Eu fui entender o significado da Convenção de Genebra precisamente no exílio. A relevância que tem um acordo que permite que pessoas perseguidas por suas opiniões políticas ou por seus credos religiosos; enfim, pessoas perseguidas em seus países de origem por razões ideológicas ou de crença terem o amparo em outros países com base na Convenção de Genebra. Foi o que efetivamente me aconteceu: como preso político no Brasil eu passei à condição de exilado político na Suécia. Eu sou realmente muito grato a esse país, fizemos desse país a nossa segunda cultura. Lá eu voltei a trabalhar como professor de Matemática por alguns anos. Pude voltar para o Brasil em 1983. A anistia foi em 1980, mas em 80 eu não tinha condições de voltar para o Brasil porque era muito difícil a mudança do exílio para o país de origem. Passa a ser uma decisão também traumática por ser uma readaptação depois de tanto tempo, de muitos anos de ausência do Brasil. Somente três anos depois da primeira anistia, a anistia do Figueiredo, no momento da abertura que o AI5 deixou de vigor, eu não tenho muita certeza das datas, mas foi quando efetivamente houve a primeira anistia. Voltei, fui trabalhar com computação, desenvolvendo sistemas de automação comercial. Durante muitos anos eu trabalhei nessa atividade, desenvolvendo também sistemas de computação voltados para a área médico-hospitalar e para convênios médicos.

Algumas pessoas me perguntaram por que eu não voltei à atividade política no Brasil quando retornei, já que eu tinha essa atividade política na época da ditadura. Seria talvez o mais lógico: que eu voltasse e que me vinculasse a algum partido político e que fosse trabalhar na política parlamentar e etc.. A minha realidade é a seguinte: eu só decidi ser militante político quando tinha 20 anos porque era a única maneira digna de viver naquele

período da ditadura, era lutar contra a ditadura. E a única maneira de lutar contra a ditadura era entrar para um partido político e participar da luta política. Mas na volta para o Brasil, por razões de natureza pessoal, eu achei que não era compatível com minha maneira de ser participar da vida política parlamentar.

Eu tenho muito orgulho do meu passado e eu estou seguro de que todos os companheiros com quem eu convivi naquela época, hoje têm orgulho do seu passado. Foi um passado marcado por muita luta, por muita dor, por grandes perdas pessoais, mas por essa vitória, a vitória íntima de ter tido coragem de se opor ao arbítrio, de lutar contra uma tirania poderosa, uma estrutura militar poderosa, econômica poderosa, e de ter empenhado a sua juventude nessa luta. Eu sinto que apesar de não ter tido a possibilidade de exercer, de ter uma trajetória normal, de ter optado por certos caminhos profissionais, artístico, literário, de qualquer maneira, apesar das perdas que me foram impostas no plano pessoal, eu sinto que dei a minha modesta contribuição para que o povo brasileiro se visse livre daquela ditadura. Uma coisa que eu não posso deixar de dizer é o seguinte: Essa concepção do isolamento da ditadura militar através de alianças políticas de todas as forças democráticas - que era a nossa meta, era o fundamento programático do Partido Comunista Brasileiro do qual eu fiz parte - de isolar politicamente a ditadura usando o único espaço que era possível usar, o espaço político eleitoral, rendeu um êxito que foi inesperado. Um êxito para nós e uma derrota para a ditadura, que foi absolutamente inesperada para a ditadura. Em 74, um dos períodos mais negros da história política do Brasil, que foi no governo Geisel que tinha pessoalmente a intenção de conferir às eleições parlamentares daquele ano um caráter plebiscitário; ou seja, o Geisel e o grande ideólogo da ditadura, o Golbery do Couto e Silva, eles acreditavam plenamente que iriam ganhar as eleições de forma majoritária, expressiva. Consequentemente eles conferiram àquelas eleições de 74 um caráter de plebiscito, que, na avaliação deles, seria a aprovação do governo militar por parte da população brasileira. O repúdio, a indignação, a consciência que lentamente foi-se formando contra a ditadura militar fez com que em 74 a ditadura militar sofresse a sua mais contundente derrota política. No meu entender foi em grande parte fruto dessa concepção. Da concepção do isolamento político, e não do confronto militar; da consciência das pessoas contra a ditadura. E disso, orgulhosamente eu afirmo, que dessa concepção e dessa atividade eu fiz parte.

Em 1974 a ditadura sofreu essa inesperada derrota. Em 75 era absolutamente irreversível que eles comessem de fato a promover a chamada abertura política. Eu creio que consta em livros recentemente editados, se não me engano do Hélio Gaspari, eu não li essa obra, mas parece que há uma referência clara a esse episódio. O Golbery do Couto e Silva era o ideólogo da ditadura, general do Exército de certa formação literária e que tinha realmente a incumbência de ser um dos teóricos da ditadura militar. O Golbery e o Geisel diante da irreversibilidade de ter de recuar, de ter de abrir espaço para a restituição da democracia no Brasil, estabeleceram uma condição: Tudo bem, vamos abrir, mas antes vamos eliminar o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro. Eles sabiam que o Partido Comunista tinha sido a peça fundamental para a compressão dessa política de isolamento político. E lhes era impossível evitar a abertura política e eles estabeleceram essa condição: Legal, vamos abrir, mas antes vamos eliminar fisicamente o Comitê Central do Partido Comunista. No meu entender isso foi uma grande vingança; e efetivamente em 75, 76 houve uma série de mortes, de assassinatos de presos, de membros do Comitê Central que eles conseguiram prender naquele período. Todos foram sistematicamente assassinados, e no meu entender essa foi a resposta que nos seus estertores a ditadura militar deu ao Partido. Ou seja, a abertura política é inevitável, tudo bem, mas vamos antes suprimir o Comitê Central do

Partido que esteve no centro, no cerne dessa política de isolamento que os levou a essa derrota de 74. E para mim foi de fato um marco da derrocada da ditadura militar brasileira. No meu entender quem derrotou a ditadura militar brasileira não foram as ações isoladas, não foram os militantes isolados, mas sim a obra de todo povo brasileiro que não se deixou chantagear em 1974. E para isso, eu tenho certo orgulho de ter dado uma modesta contribuição. Em síntese é isso.

Eu acho que talvez eu não tenha tido possibilidade de explicar de forma mais clara aquilo que eu precisava, que se esperava que eu pudesse explicar hoje. Mas essencialmente eu queria falar um pouco, como eu falei, do preâmbulo da minha formação política, do que me levou a lutar contra a ditadura militar no Brasil. Havia esses dois polos: a restituição da democracia e o socialismo. Eram esses dois objetivos. Obviamente o socialismo não se atingiu; mas através da consciência que poderia ter levado ou que levará algum dia à mudança da sociedade, parte dessa concepção levou o povo brasileiro a ter consciência da sua própria força, da possibilidade de criar um país melhor. Isso também faz parte das conquistas que nossa geração promoveu, sobretudo a restituição da democracia que, eu creio, foi obra da nossa geração. Volto a dizer, sempre que ouço alguém falar sobre algum ganho auferido a partir da Constituição de 1988 aos que lutaram contra a ditadura militar... Eu me recordo que quando alguém me falou sobre reparação pela perseguição de que fomos alvos, isso no início do ano de 2001, 2002, eu cheguei a rir; falei: olha, recompensa por aquela época, por aquela luta, você está sonhando, não existe essa possibilidade; aquilo foi abnegação, só abnegação. Nunca objetivamos nem cargos, nem benefícios ou coisa alguma; a única coisa que se descortinava diante de nós era sacrifício, sacrifício e mais sacrifício. Eu sinto que, ainda que modestamente, talvez eu tenha dado a minha contribuição.